

OS SONHOS CHORAM

Livro 95

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



OS SONHOS CHORAM

Os sonhos choram à própria renúncia, faltou-lhes a necessidade da realização, a determinação que nos chega e humildemente nos oferece o caminho possível, faltou o motivo, o apoio, a declaração, a inspiração brotar, deixar-nos conduzir, não confrontar, não resistir as convergências de ser um simples transportador, de ser um instrumento, um elo entre o passado e o futuro, até os nossos sonhos sonharem o que eles queiram sonhar.



AS DORES DOS HUMANOS

As dores dos humanos se intrometem como sintomas entre o céu do espírito e o inferno da espécie. Tentam ao mesmo tempo que condenam. A todos enganam, satisfazem o vício de sofrer, aderem com fidelidade à dor, uma dor que não se consegue mexer. Depositam a alma no purgatório, se escondem no limbo inventado para ali ser a eterna ante sala do inalcançável paraíso.

O ENLACE

O enlace entre o amor do vampiro e o amor do inocente guarda a síntese da política suja e do serviçal nulo.



POEMAS AUDAZES

Poemas audazes confessarão o que os silêncios guardam, poemas ferozes verterão o ódio temido, poemas de amor dirão dos sonhos alcançados e perdidos, discursos falarão como se estivessem carregando verdades, promessas esclarecerão o que não será cumprido, os olhares reproduzirão o que se leva na alma, a humildade carregará a recusa da arrogância, a indiferença será o cume da indecisão entre amar e odiar. A partilha e o parto anunciarão as últimas esperanças; as comemorações da vida.

AQUELE QUE FOR

Aquele que for acreditado, acreditará em si se elevará, em cada momento da vida, ao ponto de equilíbrio possível, nem sempre se poderá crescer como nos sonhos, mas consolidar-se dentro do possível, poderá ser o ponto de suporte para novas propostas. As múltiplas funções a serem cumpridas na vida de cada um, quando são originais, anulam de antemão o êxito de qualquer espécie de cópia. O sonho da reprodução será sempre superar o original. Os sonhos mais elevados não encarnam em qualquer um, combinar o que se queira com o que se possa ser é o ponto de equilíbrio que adequará cada momento histórico das pessoas e das suas realizações, um ponto de referência ao bem-estar. Será colocar-se a serviço das forças naturais, será colocar-se próximo do possível como um fundamento da vida.

MARINA TSVETÁEVA – (poetiza russa)

...No navio de Ulisses não havia nem herói nem poeta. Herói é quem, mesmo não amarrado, mesmo sem cera nos ouvidos, é capaz de resistir; poeta é aquele que, mesmo que preso por cordas, se atira ao mar, é aquele que ouve mesmo com cera nos ouvidos, ou seja, novamente se atira...



MALDADE

A humanidade precisará muito mais do que vacinas e anticorpos para sobreviver à maldade humana.

JOGARAM O ABORTO

Jogaram o aborto nos meus sonhos, a corrupção na lisura, a injustiça no êxito, a pandemia nos meus espaços, o vírus no cerne, a esperteza no caminho. Jogaram a infância no lixo, a adolescência na euforia e posição nos sonhos, se apresentou como conhecimento a estupidez.



OS MEUS ANOS

Os meus anos estão cansados de tantas saudades, não sabem sair do roteiro, só sabem fazer o mesmo, sofrer de amor. Encerrados no tempo imortal que cada presente presenteia, meus anos cansados reiteram o vício de rememorar.

FALO COM A FLOR

Falo com sua majestade a flor que se apresenta erguida em cores. Numa gentil oferta das coisas maravilhosas, meus olhos apaixonados viram a natureza desnudada, o vigor desaforado oferecendo-se ao sol, exaltando tentáculos e tentações aprisionantes. Provocando a vontade de ser um poema ainda não nascido, exibindo o cerne, homenagem, cortejo à inteireza.



NÃO DESVIO OS OLHOS

Não desvio os olhos quando alguém me fala em distâncias, no tempo, no espaço, na montanha ou no vale, no deserto ou no mar, na água ou na sede, na fome ou na fartura. Não desvio os olhos quando um fantasma me visita para devolver-me alguma autenticidade esquecida, quando olho o relógio teimoso em seu rumo único, quando me ensurdeço na metade da ofensa modificando seu final, quando finjo

que não é comigo, que não perdi a fé, apenas se me atravessou uma dúvida de momento, que não mudaria nada, faria tudo outra vez, que as ideias seguem as mesmas, as vontades também, que antes as contava, agora me calo, que o espírito segue fusionado com a carne e insisto em não perder a inocência, a maldade, orgulho e vergonha, o feitiço e a magia, embora lembre e esqueça propositalmente quem fui e quem sou.



EU VIVO

Eu moro ao lado da casa das flores, longe do muro que separa, digo adeus quando necessário, não me conformo com a estupidez, não vejo sentido na grosseria, abomino corruptos e mal intencionados, peço distância aos transmissores de mentiras, evito o povo escolhido por deus, prefiro os que não se sintam escolhidos, que tenham que lutar todos os dias para encantar a sorte, para que ela aceite ficar ao lado deles na construção dos benefícios, espirro o ar viciado que

me sufoca, opto pelo ar puro das crianças, sigo olhares para ver onde eles olham, me surpreendo quando encontro olhos que não se contentam até enxergar, me encanta o recato que convida a tentação à desnudez que a desencanta por oferecida e ofensiva, abraço a arte quando preservada na sua criação e rechaço ao seu uso condutor do nada, enalteço a palavra soberana à oração vazia que carrega símbolos nulos, prefiro a mão do afago que a mão da facada, verto a vontade do poeta que me protege ao perigo que me convida a morrer.



HÁ DIAS

Há dias em que meus pensamentos são todos versos, neles deposito a minha alma, reconheço-os familiares, andam sozinhos, andam acompanhados, recitam improvisos, memórias escolhidas, refrões que andavam dispersos, hinos que conferem algo magnífico.

ATROFIA

Algumas vezes sofro de atrofia da consciência. Reajo por aceitar o descrédito, fico perigoso no descarte, atropelo rindo, nego conhecer o fato, de repente começo a falar outro idioma daquele lugar onde tudo se dá, de repente um personagem toma conta de mim até a situação se esvaziar. Naquele tempo já estava instável, meus afetos variavam na escala entre a ingenuidade da inocência e o vício repetido.



SALTA

Salta em cima de mim a inspiração que faltava nos últimos anos da minha extensa vida. A arte cobra consequências, recupera a memória do que se foi, a onipresença da irresistível vontade de ficar vivo.

NO JÚBILO DA DESPEDIDA

No júbilo da despedida a negação tinha outro nome, o que me restou foi um alívio por um compromisso nunca assumido. Arrancando pedaços do futuro, coisas estanhas aconteceram, pretextos apetezem à indiferença, nenhuma ruptura vira natural, pois, se trata de uma recusa que finge salvar.



REPITO LADAINHAS

Repito ladainhas, coloco na memória a presença que o romance do poeta entrega, um ágio favorito daquela canção, dos momentos em que escapavam suspiros e sonhos únicos. Um lapso de romance inusual entre nas mãos de quem entendia de trás para a frente aquele caminho porque andava às cegas.

PRUDÊNCIA

Em períodos adversos o melhor é recolher as velas e esperar a tempestade passar.



AQUELE

Aquele que pedir desculpas por sua ignorância poderia dispensá-las, pois ao reconhecer seu não-saber já estará promovendo a busca pelo conhecimento, quem deveria pedir desculpas são os arrogantes que estão cegos em suas redomas narcisistas imaginando ter um saber que não têm.



TEMPOS

Há encontros prolongados e despedidas breves.
Há encontros breves e despedidas prolongadas.

FLORES E RAÍZES

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, um pouco esfolados, embora pouco surrados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço as âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e contramão. Palpo as margens, invento letra e melodia. Decoradas as regras e as contra regras, deixo os meus e os teus amores de ontem nos seus devidos lugares de incalculáveis distâncias.

Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuo canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado. Doo as sementes. Se não saírem as flores, prometo que apresentarei as raízes.

ENTRAVES

É inconfessável o que precisaria ser confessado, por isso o enigma é indecifrável. Na ausência de oráculos inexistente o adivinho.



VELHAS MANIAS

Essa velha mania de gostar de tudo o que posso, do que gosto bebido como água da fonte, comido com inocência, feito mingau pelas beiras. Sempre espero ter de volta essa vontade de gostar de tudo o que posso, mesmo que eu não possa. Ainda que tentem seguirei agarrado a essa vontade. E mesmo quando não possa mais, sonharei com ela.

EU E A VIDA

A vida não está em outra parte, ela me olha de fora, silenciosa, não pode deixar-me ignorado, me acompanha como parte da minha composição, aceita desprezos, esquecimentos, solidão, nada reivindica, já que estabelece quem sou; original e sigilosa não se altera. Não faz nenhuma menção da sua importância nem me alerta dos riscos; dá-me a chance da ampliação para tentar a sua extensão. Recusa a farsa por não sobreviver a ela. Por ser atemporal, nunca é nostálgica, está em todos os tempos e se esforça para ser boa companhia. Encolhe-se e se acentua em posição e oposição, insuflada por minhas ações; farta, nunca se queixa, oculta-se na minha pele, circula no meu sangue, bombeia meu desejo, permite o avanço, aceita a evocação, assiste a perturbação dos sentidos, tem um ventre amplo e profundo, concebe, é origem e destino, magnifica o amor que nela se esgota de tanto amar. Sua originalidade a faz inocente, disposta à obediência da voz e do ato meus, está ligada às minhas raízes do ponto de partida ao ponto de chegada, na alegria e na tristeza, na inocência e na culpa, até que venha a obra final.

ELA

Ela está ali, ela me olha, me espreita com um poder que visa me surpreender. Sua inesgotável capacidade de encantar-me rapidamente se instala e permanece em um jogo sem palavras. Fiz votos para que isso não mais acontecesse, pelo menos com o vigor com que ela sustenta sua intenção e o abalo que isso me provoca. Finge que sou seu sol, ainda que eu não a ilumine; me sorri como se acolhesse a ternura que lhe oferto, sei que isso é uma mentira. Perco o rumo, altero o roteiro e acabo no desconcerto, invento um desencontro; a morte não consegue me encantar.



A TRISTEZA I

Toda tristeza é lenta, contínua e onerosa. Apresenta-se como uma velha senhora exigindo respeito, limitando atos, determinando ordens e acabando com privilégios.

A TRISTEZA II

Todos temem mexer com a tristeza e com os tristes ocasionais, eles se apresentam fragilizados, embora sustentem uma fortaleza por detrás de sua fragilidade.



A TRISTEZA III

A cada dia, a tristeza desenvolve uma nova moral para confirmar sua vocação de articular os sentimentos de todos. Ela, a tristeza, nem sempre é triste; às vezes ela se faz anônima, desistente, sem esperanças. Acaba com a condução do amor, dirige mal as paixões, prega a ruptura, promove a perda, ganha credibilidade disfarçada de realidade. É fonte de poder, calcula o eixo que orienta a ingenuidade. Manipula como se zelasse por grandes virtudes, finge respeitar a alegria, acaba com a privacidade, exaltando o egoísmo que quase sempre a acompanha. A tristeza define a vida como árida, afirma que o amor é uma doença ilusória,

faz movimentos de anulação, forma insuficiências, valida os piores, enaltece o desperdício, predispõe um enamoramento com a morte e com o risco. A tristeza interpreta uma versão que junta os temores e as falências, coopera com a ruína, demite pais e filhos de suas funções, cria guerra entre gêneros, mantém morta a afabilidade e demite a gentileza. Estimula o pouco caso, e para manter-se viva, ilude aos que a adotaram, os faz tomar medicamentos que alimentam o disfarce. Assim, ela se perpetua mantendo conquistado seu direito de ser nociva.



A DOR QUE ME ACOMPANHA

Haverá por aí alguma dor perdida, maior que a minha? A impressão que me fica é a de que a minha dor dói mais, ela não para de doer, real demais para ser suportada, de tão minha lhe perdi o medo, com ela convivo quase em paz. A tolerância liberou-lhe o direito da permanência, da frequência assídua, tanto,

que já não a levo tão a sério. De tão familiar, ela caçoa de mim, faz brincadeiras com meu interesse de convencê-la a cessar. Respeita a minha imaginação dando-me tréguas esporádicas. Enquanto sonho, enquanto durmo, nega-se a uma separação definitiva. Pretende seguir nas minhas antecipações negativas, nas saudosas regressões, na hostilidade que me cerca feito crime, fome. Aonde eu vou, ela me encontra pessoalmente. Na afirmação dos seus direitos, aparece dotada de argumentos, aspira a uma supremacia sobre o prazer e a paz, lembra-me das injustiças diárias, da impunidade, da destruição que é herança e fere. Ela, a dor, se exilou em mim, já não consigo eludir nem provocar sua desapareição. Íntima ela me acena mesmo sabendo que com ela não convivo de bom grado, e tenta fazer-me pensar que eu lhe pertença, irresistivelmente coesa. Renasce toda vez que a condeno, aflora no meu ser como um destino que não se localiza em lugar algum, embora esteja em todos.

TENHO TANTA MEMÓRIA

Tenho tanta memória que não cabe dentro de mim, delego, alugo espaço na história dos amigos. Feito amante sensato escolho o santo, a promessa e a pessoa em quem verter meus desejos achados e pedidos. Essas declarações em mãos do receptor certo ou equivocado me criam e perpetuam incertezas que só fazem aumentar a impaciência.



TEMPO DAS ESPERAS

Se eu soubesse o tempo das esperas, o valor do tempo, o volume água e de todos perecíveis, da importância de todos os bons-dias, todas as boas-noites, e no dia-a-dia as ofertas de um pouco de si. Nessa troca lúdica eu absorveria o todo para repartir em pedaços as várias carências colecionadas e a surpresa em ver-nos satisfeitos.



Roberto Curi Hallal

